



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3

---



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,  
Linguísticas e Artes 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-281-4

DOI 10.22533/at.ed.814192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Aproximar as diferentes áreas do saber com a finalidade de propor reflexões e contribuir com a formação dos sujeitos significa potencializar as habilidades que cada um traz consigo e, ao mesmo tempo, valorizar os múltiplos saberes, correlacionando com as questões que necessitam ser reestruturadas.

Neste terceiro volume da coletânea, os propósitos comunicativos e de divulgação científica dos conhecimentos produzidos no campo das Letras, Linguística e das Artes são cumpridos por aproximar e apresentar aos leitores vinte e nove reflexões que, certamente, problematizarão as questões de trabalho com as ciências da linguagem e da atuação humana.

O autor do primeiro capítulo problematiza o processo de letramento dos sujeitos com deficiência visual, destacando a relevância do trabalho de revisão textual em Braille e da atuação do profissional Revisor de textos em Braille, ampliando as questões referentes à inclusão e às políticas de acessibilidade. No segundo capítulo, os autores abordam as dificuldades referentes à leitura e produção textual nas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma instituição da Rede Pública. No terceiro capítulo é apresentado um relato do processo de redução orquestral para piano da Fantasia Brasileira de Radamés Gnattali, composta em 1936.

No quarto capítulo são apresentadas as observações na recepção do leitor/receptor com a poesia, na leitura de poemas escritos e multimodais e como a sonoridade interfere na interpretação dos poemas e a proximidade do leitor com tal tipologia. No quinto capítulo, o autor propõe como reflexão o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil, considerando os fatores socioculturais e linguísticos. No sexto capítulo é tematizado o sentido da arte para o público que agiu como coautor de uma instalação artística realizada no espaço expositivo de uma instituição mineira.

No sétimo capítulo, o autor apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas do escritor Euclides da Cunha, nos livros *Os Sertões* e *Um paraíso perdido*. No oitavo capítulo, o autor revela as etapas de realização do I Salão Global da Primavera. No nono capítulo, a autora analisa como as animações do Studio Ghibli, sob comando dos diretores Miyazaki e Takahata como desenvolvimento do cinema japonês.

No décimo capítulo, os autores abordam sobre o processo histórico de revitalização do Nheengatu ou Língua Geral Amazônica. O décimo primeiro capítulo tece sintéticas considerações no processo de reconhecimento e metodologias para o ensino de Arte. No décimo segundo capítulo são discutidas as abordagens sobre gênero e como tais questões estão presentes na obra *O Matador*, da escritora contemporânea Patrícia Melo.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a participação da mulher no processo histórico de consolidação do samba de raiz. No décimo quarto capítulo, o ensino de Literatura aos alunos com surdez simboliza o objeto de letramento dos sujeitos. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta um estudo de caráter

documental, reunindo e expondo as informações referentes à poesia Sul-matogrossense, de Dora Ribeiro.

No décimo sexto capítulo, o autor faz uma leitura ampla do disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997, do Racionais MC's. No décimo sétimo capítulo, o autor aborda as noções de veracidade e verossimilhança em *No mundo de Aisha*. No décimo oitavo capítulo a discussão volta-se para a questão da mobilidade acadêmica internacional de estudantes brasileiros, como forma de produção do conhecimento além-fronteiras. No décimo nono capítulo há uma reflexão crítica a respeito dos discursos do sucesso na sociedade atual, tendo como instrumental teórico e metodológico a *Análise do Discurso* derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

No vigésimo capítulo, os autores expõem a cultura togolesa em relação aos aspectos econômico, social, educacional e ambiental. No vigésimo primeiro capítulo, os autores utilizam na discussão do trabalho a pesquisa autobiográfica proposta por Joseph Campbell. No vigésimo segundo capítulo, o autor traz à discussão a temática da luta contra a ditadura do teatro brasileiro, enfatizando a escrita e a atuação de Augusto Boal.

No vigésimo terceiro capítulo, a autora discute a valorização da identidade nacionalista em consonância com a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina. No vigésimo quarto capítulo, os autores disseminam reflexivamente alguns conceitos sobre a importância do solo no ambiente escolar como estratégia aproximada dos saberes e da promoção formativa de uma consciência pedológica. No vigésimo quinto capítulo, o Canto Coral é discutido como atividade integradora e socializadora para os participantes, promovendo, sobretudo, o aprendizado musical.

No vigésimo sexto capítulo, o autor problematiza a condução da dança de salão, além de enfatizar questões acerca da sexualidade, comunicação proxêmica e relações de poder com base em alguns conceitos discutidos no trabalho. No vigésimo sétimo capítulo são apresentados os resultados da pesquisa *A identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*. No vigésimo oitavo capítulo, o autor discute e apresenta as influências da Era Digital na produção e recepção literárias na narrativa transmídia. E no vigésimo nono e último capítulo, as autoras refletem sobre as experiências poéticas e discutem as noções estéticas das práticas artísticas humanitárias.

É nessa concepção que a compilação dos vinte e nove capítulos possibilitará a cada leitor e interlocutor desta coletânea compreender que o conhecimento estabelece conexões entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, a produção organizada do conhecimento na experiência dos interlocutores desta Coleção abre caminhos nas finalidades esperadas nas habilidades de leitura, escrita e reflexão.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O LETRAMENTO NA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS QUESTÕES DE REVISÃO TEXTUAL EM BRAILLE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8141924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
FÁBULAS, PROVÉRBIOS: TECITURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Jean Brito da Silva	
Lindalva José de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.8141924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
FANTASIA BRASILEIRA PARA PIANO E ORQUESTRA DE RADAMÉS GNATTALI: RELATO DO PROCESSO DE REDUÇÃO ORQUESTRAL	
Cláudia de Araújo Marques	
DOI 10.22533/at.ed.8141924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
FRUIÇÃO NA RECEPÇÃO POÉTICA E OS IMPACTOS DA SONORIDADE NESSE PROCESSO	
Lavínia dos Santos Prado	
Letícia Gottardi	
Wilker Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.8141924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO”	
Victor Carreão	
DOI 10.22533/at.ed.8141924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELO PÚBLICO: O CORPO COMO LÓCUS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO E ESTÉTICO	
Adriana Vaz	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8141924046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DE EUCLIDES DA CUNHA	
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	
DOI 10.22533/at.ed.8141924047	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO	
Aguinaldo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.8141924048	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
O MODELO DE CINEMA DO STUDIO GHIBLI, QUE CONQUISTOU OS JAPONESES	
Luiza Pires Bastos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8141924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
O NHEENGATU NO RIO TAPAJÓS: REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA	
Florêncio Almeida Vaz Filho	
Sâmela Ramos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81419240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE	
Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81419240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>135</b>
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM <i>O MATADOR</i> , DE PATRÍCIA MELO	
Naira Suzane Soares Almeida	
Algemira de Macedo Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81419240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
SAMBA DE RAIZ: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TESTEMUNHO FEMININO	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81419240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>161</b>
SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O ENSINO DE LITERATURA E OS ALUNOS SURDOS	
Mirian Theyla Ribeiro Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81419240414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>175</b>
DORA RIBEIRO: ESBOÇO DA VIDA E OBRA	
Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81419240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>192</b>
<i>SOBREVIVENDO NO INFERNO: DE ONDE VEM O RACIONAIS?</i>	
Rodrigo Estrella Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81419240416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>205</b>
VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA N'O <i>MUNDO DE AISHA</i>	
Antonio do Rego Barros Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81419240417</b>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>222</b>
UM OLHAR DIALÓGICO PARA A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES BRASILEIROS	
Vilton Soares de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.81419240418	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>240</b>
A FORÇA DAS PALAVRAS: OS SENTIDOS DO SUCESSO	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.81419240419	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>250</b>
A CULTURA AFRICANA: CASO DA REPÚBLICA DO TOGO	
Omar Ouro-Salim	
José Eduardo Machado Barroso	
Marcela Cabral Mendes Barroso	
Fausto Teodoro Neves	
DOI 10.22533/at.ed.81419240420	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>262</b>
A JORNADA DO HERÓI COMO METODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	
Ítalo Franco Costa	
Cláudia Mariza Mattos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.81419240421	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>272</b>
A LUTA CONTRA A DITADURA DO TEATRO BRASILEIRO: AUGUSTO BOAL E A <i>PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO</i>	
Daniele Severi	
DOI 10.22533/at.ed.81419240422	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>284</b>
A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA	
Susane Martins Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240423	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>296</b>
O TEATRO DE FANTOCHES COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA SOLO EM SALA DE AULA	
José Ray Martins Farias	
Josiele Carlos Fortunato	
Paulo Cesar Batista de Farias	
Ivson de Sousa Barbosa	
Francisco Laires Cavalcante	
Adriana de Fátima Meira Vital	
DOI 10.22533/at.ed.81419240424	



<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>307</b>
CANTO CORAL COMO AGENTE DE INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Karen Zeferino	
Andréia Anhezini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240425	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>312</b>
DANÇA DE SALÃO E NOVOS CONCEITOS DE CONDUÇÃO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA SEXUALIDADE, COMUNICAÇÃO PROXÊMICA E RELAÇÕES DE PODER	
Bruno Blois Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240426	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>325</b>
TECENDO A IDENTIDADE PARA POTENCIALIZAR A SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS LOCAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Mercedes Lusa Manfredini	
Bernardete Lenita Sisuin Venzon	
DOI 10.22533/at.ed.81419240427	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>334</b>
“O MENINO QUE SOBREVIVEU”: O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i> NA ERA DIGITAL	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.81419240428	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>342</b>
CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA)	
Tatiana Vieira Terra	
Karina e Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.81419240429	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>354</b>
O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS	
Fernanda Carneiro Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.81419240430	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>366</b>

## PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE

**Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral**

Universidade Federal de Goiás

Goiânia, Goiás

**RESUMO:** Este texto, publicado originalmente nos anais do II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual em 2018, apresenta uma investigação docente, como ação sistemática, que analisa questões referentes ao ensino e aprendizagem em arte a partir das imagens de um diário digital em um curso de ensino de arte, realizado de 2017 a 2018 com professores/as em formação, da rede municipal de Goiânia. A orientação metodológica define seu rumo a partir da prática pedagógica com os(as) participantes possibilitando o contato em diálogo com o processo de formação de professoras/es que ministram a disciplina arte na escola. Desde 2013, como docente em um curso de Licenciatura em Artes Visuais, busco compreender como a arte vem sendo ensinada na escola como parte da formação de um grupo de professoras/es para refletir, juntamente com a minha prática pedagógica, sobre modos de ensinar/aprender arte, através de uma investigação docente contínua. Com a intenção de tecer sintéticas considerações para também reconhecer-me nesse processo e compreender como estou atuando, venho utilizando as imagens de meu diário visual como espaço de

construção de sentidos. Reconhecer as maneiras de ver-me nessas imagens, como me relaciono com elas e, ainda, como as(os) participantes compreendem o ensino e aprendizagem em arte para construir argumentos via texto e imagem, representa um desafio para essa investigação. Desenvolver uma investigação que inclua a minha prática docente, por meio de imagens de um diário construído no coletivo suscita questões relativas aos significados de pesquisa junto ao trabalho docente e é uma postura que se constrói entendendo o/a professor/a como pesquisador/a de sua própria prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** investigação docente, diário visual, arte, imagem.

### INVESTIGATIVE PROCESSES TO COMPREHEND IMAGES AS METHODOLOGICAL STRATEGIES FOR THEACHING ART

**ABSTRACT:** This text, originally published in the annals of the II International Research Conference on Art and Visual Culture, presents a teaching research, as systematic action, that analyzes issues related to teaching and learning in art through the images of a digital journal constructed in an art education course developed during 2017 and 2018 and carried out with teachers in training, from municipal network

of Goiânia. The methodological orientation defines its course from the pedagogical practice with the participants allowing the contact in dialogue with the process of art teacher training in school. As a teacher in a Visual Arts Education Course, since 2013 I have been trying to understand how art has been taught in school during teacher's training, aiming to reflect, along with my pedagogical practice and through a continuous teaching research, about ways of teaching /learning art. With the intention of weaving synthetic considerations that also recognize myself in this process and to understand how I am acting, I have been using the images of my visual diary as a space for the construction of meanings. Based on the considerations generated in the observation of images of the visual diary-book, I intend to privilege the construction of subjective senses that configure my experiences and that of the participants to enable new positions for our teaching and professional practice. Recognizing the ways of seeing myself in these images, how I relate to them, and how we – participants and I - understand teaching and learning in art in order to construct arguments through text and image, represents a challenge for this investigation. To develop an investigation that includes my teaching practice, through images of a collective developed journal raises questions related to the meanings of research in the teaching processes and points to a perspective that is constructed by understanding the teacher as a researcher of his own practice.

**KEYWORDS:** teaching research, visual diary-book, art, image.

## INVESTIGAÇÃO SISTEMÁTICA E INTENCIONAL

Desde 2013, como docente em um curso de Licenciatura em Artes Visuais, busco compreender como a arte vem sendo ensinada na escola - como parte da formação de um grupo de professoras/es - para refletir, juntamente com a minha prática pedagógica, sobre os modos de ensinar/aprender arte, através de uma investigação docente contínua. Um caminho que tem contribuído para refletir sobre o 'lugar da experiência' vem das ideias de Cochran-Smith e Lytle (2002, p. 29) em sua argumentação a favor da necessidade e importância da investigação docente como uma "[...] investigação sistemática e intencional realizada pelos ensinantes [...]".

Segundo estas autoras, esses profissionais são, os que mais podem fornecer e problematizar diferentes visões, de dentro da escola. Compartilhamos da ideia de que é por meio da investigação intencional feita pelo/a professor/a, da teoria e da reflexão coletiva, que os discursos elaborados sobre educação e sobre a/o professor/a deixarão de ser 'gasosos' (NÓVOA, 2010) e tornando-se possíveis enquanto aliados dos que trabalham as práticas em educação. Autores como Nóvoa (2010), Zeichner (1995, 1998), Cochran-Smith e Lytle (2002, 2009, 2011) defendem o 'practitioner' como investigador e produtor de conhecimento sobre seu trabalho docente em sala de aula. As ideias de Cochran-Smith e Lytle vêm influenciando o meu modo de praticar a docência através da pesquisa.

Essa busca visa abrir caminhos para conhecer concepções de arte que possam

sustentar práticas docentes orientadas para o redimensionamento de visões e relações entre produto, produtor e espectador contribuindo para borrar distinções classificatórias, tais como salientei anteriormente, e empoderar o espaço de autonomia e experimentação de professores/as e alunos/as, promovendo protagonismo aos atores dos processos educativos e às práticas que planejam desenvolver.

## **PROGRAMA DE EXTENSÃO ARTE NA ESCOLA – POLO GOIÁS**

Envolvida nesse processo, tenho desempenhado o papel de coordenadora pedagógica do Programa de Extensão Arte na Escola – Polo Goiás - da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Esse programa é fruto da parceria com o Instituto Arte na Escola (uma associação civil sem fins lucrativos com sede em São Paulo que, desde 1989, promove a formação continuada de professores/as da Educação Básica), e objetiva a construção de um ‘lócus’ de experiências e saberes, reafirmando o papel social da FAV/UFG.

Visa ainda, dar apoio permanente aos professores(as) das redes municipal, estadual e particular, compartilhando materiais para apoio didático e artístico-pedagógico, oferecidos pelo Instituto Arte na Escola/SP, com conteúdos que possibilitam o ensino da arte na sala de aula. Através desse programa os(as) professores(as) podem participar de projetos, de grupos de estudos e cursos ligados a temas fecundos, com pontos de convergência com os estudos de Cultura Visual, trazendo contribuições significativas para as concepções e abordagens contemporâneas sobre o ensino de arte.

Minhas vivências, nesse contexto, estão ativando múltiplos diálogos na provocação de discussões, dúvidas, reflexões e questionamentos sobre o como ensinar e aprender arte. Tais reflexões entendem a minha experiência docente como um lugar para criação de sentidos sobre práticas metodológicas voltadas para o ensino da arte, na escola, através de encontros presenciais mensais e estudos no Moodle Ipê destinado às atividades de pesquisa e extensão da UFG. Esses encontros para formação docente são realizados com um grupo formado por dois estudantes da Graduação em Artes Visuais da FAV/UFG, dois estudantes do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da FCS/UFG graduados em Artes Visuais, uma professora de Artes Visuais que é formadora da Gerência de Formação dos Profissionais da Secretaria Municipal de Educação (SME) da Rede Municipal de ensino (RME), vinte e uma professoras e um professor da Rede Municipal de Goiânia/GO.

Essa perspectiva formativa integra discussões, reflexões e interações entre processos e espectadores, e entre experiências articuladas em constantes movimentos – teóricos, metodológicos, práticos -, na busca por sentidos e vias de transformação de visões de mundo que ainda naturalizam representações sociais e culturais hegemônicas. A proposta é estimular que a atuação docente, dentro da sala de aula, ocorra através de temas que promovam o pensamento crítico e reflexivo, sinalizando

possibilidades para criações metodológicas e abrindo espaços, no ensino da arte, para pensar experiências que rompam barreiras institucionais hegemônicas e privilegiam um modo de agir que faça convergir, progressivamente, resultados pedagógicos, sociais, políticos, culturais e educativos.

## **IMAGENS DE MEU DIÁRIO VISUAL COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

Para construir sentidos a partir dessa experiência venho produzindo um diário digital, com anotações e imagens sobre cada encontro com esses(as) participantes, para que ao criar relatos, os mesmos possam ser compreendidos como instrumento de pesquisa e análise do meu pensamento como professora (ZABALZA, 2004) e, assim, para que possa refletir sobre as experiências formativas e docentes com esse grupo de professores(as).

Através das imagens - além dos modos como vemos e nos vemos – é importante que percebamos como compreendemos as representações, e como nossas práticas culturais podem contribuir para a criação de um relato docente em Artes Visuais no contexto que atuamos. E, para que ao criar esses relatos, também seja possível compreender “[...] como os sujeitos podem responder a esses relatos [...]” (HERNÁNDEZ, 2004. p.5). Assim, contarei com a interpretação de imagens do meu diário digital.

Esse diário visual está sendo construído por meio de anotações e imagens digitais produzidas em cada encontro mensal de 4 horas. A partir das considerações geradas na interação com as imagens do referido diário, pretendo privilegiar as construções de sentidos subjetivos que configuram experiências minhas e posteriormente, através de rodas de conversas, - com todos/as envolvidos/as nesse processo de aprender/ensinar arte -, viabilizar novos posicionamentos para nossa prática docente e profissional.

Nesse exercício construtivo percebo que é muito difícil olhar as imagens e dar sentidos ao que vemos e, principalmente, como venho trabalhando. Reconhecer as maneiras de ver-me nessas imagens, como me relaciono com elas e, ainda, como as(a) participantes compreendem a aprendizagem representa um desafio para essa investigação. E principalmente a possibilidade de um ensino em arte para construir argumentos via texto e imagem. Ao ter consciência que essa é uma prática que se aprende e, nessa tentativa, compreendo haver uma vasta gama de inquietações, por meio das quais pretendo compartilhar para entender sentidos/significados de nossas experiências docentes.

## METODOLOGIAS PARA INTERPERTAÇÃO E COMPREENSÃO DE IMAGENS NA PERSPECTIVA DA CULTURA VISUAL

Para muitos/as arte/educadores/as, uma das metodologias para o ensino de arte é a leitura de imagens, principalmente de obras de arte, baseada no formalismo perceptivo e semiótico (SARDELICH; BATISTA, 2010), e confesso que a observação de imagens enfatizando apenas as categorias formais proporciona, em um primeiro momento, certa segurança na forma de lidar com as imagens, principalmente em sala de aula. Entretanto, hoje, em tempos de mudanças conceituais e metodológicas trazidas pelos estudos culturais, o ensino de arte articula-se com a compreensão de que a multiplicidade de interpretações e representações visuais é moldada por práticas subjetivas e por formas culturais de/do olhar que as constituem em visualidades para produção de mundos.

Acredito que as imagens não têm um significado próprio - que pode ser desvelado (MARTINS, 2010) -, mas que elas condensam experiências que possibilitam um sentido de reconhecimento individual e cultural, social e coletivo. Nesse sentido, tenho a intenção de tecer sintéticas considerações para também reconhecer-me nesse processo e contexto em que me encontro. As imagens desse diário visual funcionam como espaço de construção de sentidos para que eu possa compreender meus modos de aprender/ensinar.

Ao buscar dar sentido às imagens do diário, me deparo com algumas questões que emergem nas discussões em grupo: Como reafirmamos as representações docentes? Como essas representações determinam nosso papel? Quais são as problematizações que encontramos na forma como representamos alguns temas? São muitas as questões que me provocam e por meio delas aparecem muitas dúvidas, reflexões e questionamentos. E, assim, concluo que essas questões podem afetar os processos de ensino/aprendizagem.

Para refletir sobre essas questões, recorro ao meu diário visual para escolher uma imagem, cuja composição é composta por outras imagens repetidas colhidas entre março e junho de 2018 (Figura 01), na tentativa de desenvolver um pensamento crítico sobre esse processo (HERNÁNDEZ, 2011). Refletir através dessas imagens possibilita a construção de outros relatos possíveis a partir do que consideramos instituído.

Para essa construção, buscarei a reflexividade, proposta pela Cultura Visual, para (re)criar um universo de significações para a minha atuação docente considerando as experiências vividas com esse grupo, no contexto da pesquisa. Levando em consideração que “[...] compreender a condição cultural [contemporânea], suas manifestações materiais e simbólicas e o efeito que ela exerce sobre nossas identidades individuais e coletivas constitui o projeto da cultura visual [...]” (TAVIN, 2009, p. 225).



Figura 1 – Encontro do grupo em junho

Fonte: Fotografia: Carmem Lucia N.C.Tokatjian, 2018.

Observando a referida imagem (Figura 01) é possível perceber que mesmo com a formação de um semicírculo, em uma disposição diferente de organização das carteiras do que a utilizada normalmente em uma sala de aula, eu apareço na imagem como o ponto das atenções nesse processo de aprender/ensinar. Isso porque não consigo deslocar minha posição e deixar de exercer um ‘poder’ pelo papel que exerço no grupo: papel de professora de uma Universidade Federal.

Nesse grupo, muitas são as vozes que, ao participarem geram riquezas de experiências docentes que movimentam as discussões. Relações dialógicas que evidenciam mudanças de pensamento ao questionarmos um ensino de arte que privilegia a reprodução de ‘modelos’, a escola como lugar onde o conhecimento é ‘repassado’ e o/a professor/a como ‘dono’ desse conhecimento. Porém mesmo envolvidos/as em um ambiente de diálogo que confronta questões relacionadas ao ensino de arte, é importante compreendermos como podemos construir outras relações entre professor/a e estudante, visto que ainda estamos presos em uma abordagem educacional tradicional através da qual a relação que prevalece tem o/a professor/a como ‘transmissor’ do conhecimento através das aulas expositivas. Ou seja, ainda estou agindo como se fossêmos a única responsável pela condução os encontros, de forma expositiva.

Contudo, nesse processo onde está o conhecimento e as práticas dos/as professores/as na escola? Cochran-Smith e Lytle explicitam que Dewey “propunha urgentemente ao professorado que se convertessem em consumidores e ao mesmo tempo produtores de conhecimento sobre o ensino – junto com seus estudantes – sobre a vida da aula” (2002, p. 34). Para Cochran-Smith e Lytle a investigação feita

por docentes é um desafio, pois

[...] irrompe nos pressupostos tradicionais sobre quem há de conhecer, sobre o conhecimento e sobre o ensino, ela tem a potencialidade de redefinir a noção de conhecimento pedagógico do professorado questionando assim a hegemonia da universidade na hora de produzir conhecimento especializado (COCHARAN-SMITH; LYTLE, 2002, p. 17).

A discussão empreendida pelas autoras e seus colegas põe em evidência que “[...] se há outorgado pouca dedicação aos papéis que o próprio professorado tem na produção do conhecimento pedagógico [...]” (COCHARAN-SMITH; LYTLE, 2002, p. 29). Nesse contexto, gerado pela cultura acadêmica, fica evidente que pesquisadores/as/acadêmicos rejeitam a pesquisa e conhecimento produzido pelos/as professores/as da escola, detendo um maior ‘capital cultural’ sobre o que é produzido na escola em uma situação hierárquica. Muitas vezes, falta de familiaridade com a linguagem do meio acadêmico e a forma como são culpabilizados dificulta ainda mais uma aproximação

Cocharan-Smith e Lytle propõem que a investigação feita por professores/as, “[...] faça acessível parte da perícia docente e aporte às universidades e às comunidades educativas perspectivas únicas sobre o ensino e a aprendizagem [...]” (2002, p. 29). Na visão de Zeichner (1993) o mundo de ambos raramente se cruzam e há ausência de diálogo entre os/as envolvidos nas pesquisas educacionais, enquanto os/as professores/as ignoram a pesquisa e o conhecimento produzindo por esses/as pesquisadores/acadêmicos.

Nos encontros com o grupo, mesmo consciente e de acordo com os pensamentos de autores/as como Dewey, Cocharan-Smith, Lytle, Zeichner, entre outros, que explicitam a importância do/a professor/a produzir seu próprio conhecimento, percebo que ainda há um distanciamento entre as vozes do/a pesquisador/a acadêmico/a e as vozes dos/as professores/as das escolas. É como se o conhecimento produzido pela academia fosse ‘o único conhecimento’ que deve ser ‘apreendido’ nesses encontros.

A formação deve estar problematizada no contexto de atuação do/a professor/a para que práticas e pensamentos que colocam o/a professor/a acadêmico como o único detentor/a do conhecimento sejam (re)pensados. Para que possamos, repensar os papéis que atuamos, nesse contexto de dualidade entre pesquisador acadêmico x professor pesquisador na escola, e construir uma postura docente colaborativa, torna-se necessário desenvolver essa investigação que inclui a nossa prática docente, por meio de imagens de um diário construído no coletivo, entendendo o/a professor/a como pesquisador/a de sua própria prática.

Se pararmos para olhar através de cada imagem podemos perceber que qualquer um/a tem um lugar de fala, pois não há um lugar fixo. e que a imagem pode assumir um lugar de mediadora nas práticas docentes. Por isso, torna-se necessário parar para refletir através das imagens geradas em cada encontro para articular sentidos e significados às experiências e reflexões geradas na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação (SCHÖN, 2000), ações reflexivas necessárias para a condução de



qualquer trabalho docente.

As experiências e reflexões geradas com esse grupo têm me mostrado que é possível a realização de um trabalho colaborativo, por meio do qual poderemos eliminar a divisão entre os (as) professores (as) das escolas e acadêmicos (ZEICHNER, 1993). Nessa perspectiva, busca-se um trabalho colaborativo que considera que as imagens são mediadoras de significados na construção de sentidos para pensarmos o nosso papel enquanto professores (as) de artes visuais. Nesse sentido, continuo essa reflexão observando a mesma imagem do meu diário, mas agora por outro 'ângulo' (Figura 02), para buscar uma mudança na forma de olhar através das imagens.

Nesse outro ângulo da imagem (Figura 02) posso salientar que a produção visual do grupo, - que resultou na imagem que está presa na parede no fundo da sala -, proporcionou uma experiência, um modo de produzir imagens em sala de aula que eu não havia experimentado até esse momento; um trabalho em grupo fruto das discussões nos encontros do semestre, onde foram utilizados materiais que muitas podemos encontrar em uma escola, tais como: papel pardo, cola, revistas, barbante, tecidos.



Figura 2 – Encontro do grupo em junho

Fonte: Fotografia: Carmem Lucia N.C.Tokatjian, 2018

Essa produção visual foi elaborada a partir da leitura do texto de Kevin Tavin (2009): *Contextualizando a visualidade na vida cotidiana – problemas e possibilidades do ensino de cultura visual* e, pela pergunta: *Como seria um personagem que poderíamos criar para cuidar da escolar?* A partir da criação de três personagens, um para cada grupo, de um total de três grupos, e após as reflexões geradas no Moodle Ipê sobre essa pergunta elegemos as palavras mais recorrentes nas respostas apresentadas

em um exercício proposto como ação reflexiva, foram elas: conhecimento, trabalho em equipe e transformação. E ainda, as palavras que surgiram nas respostas apenas uma vez, sendo elas: criar, burocracia e emoção. Essas foram as palavras que guiaram a elaboração da imagem (Figura 03).

Apesar de todo o trabalho para construção dessa imagem, essa construção não exerce um papel de destaque junto ao grupo, e também não gerou momentos de criação de sentidos e interpretações. Percebo que reflexões a partir da imagem são impulsionadas apenas pelas palavras recorrentes e não pelos vários recortes que constituem a imagem. Apesar da realização desse exercício prático não há reflexões sobre os processos/resultados de produção do grupo. Pensando em um processo de desenvolvimento estético, desenvolvido por *Abigail Housen (2000)*, pode-se considerar que ainda estamos em um estágio de descrição da imagem.



Figura 3 – Encontro do grupo em junho

Fonte: Fotografia: Carmem Lucia N.C.Tokatjian, 2018

O ensino de arte e seus atores não podem ignorar as experiências educativas que envolvem arte e imagem com o objetivo de pensar/agir, nesse caso, sobre temáticas como deslocamentos e transformações. Torna-se necessário discussões que ajudem os/as professores de artes visuais a compreenderem as imagens como instrumentos de identificação e representação social, cultural, profissional, pessoal e pedagógica.

Acredito que “[...] há aprendizagens não quantificáveis que buscamos quando interagimos com arte e com imagens: observar, imaginar, inovar, refletir [...]” (TOURINHO, 2015). Eu acrescentaria a ação de (re)criar a partir das apropriações que são formas de ação em práticas na escola, impulsionando possibilidades de planejamento e criação que podem movimentar as práticas artísticas. Contudo, como desenvolver tais ações que possibilitem que as imagens podem ser mediadoras de novas formas relacionar experiências e conhecimentos e suscitar múltiplas interpretações e maneiras de produção?

Para pensar em maneiras de produção para a (re)criação, nesse contexto docente, busco o pensamento de Eça (2008) quando a autora argumenta que “o saber fazer é

essencial. Não o saber fazer ‘obras de arte e de design’ como artistas ou designers mas, o saber detectar e resolver problemas com recurso a métodos, instrumentos e materiais específicos da produção visual.” Buscar compreender os processos de criação de interpretações e modos de produzir imagens torna-se essencial para perceber a cultura visual como “[...] a caracterização e a avaliação da produção de sentidos através do visual – como vemos, o que vemos, o que não vemos, o que nos é permitido ver, etc – que vai além das fronteiras disciplinares tradicionais [...]” (TAVIN, 2009, p. 225).

## TRABALHO CONTÍNUO EM UM ‘CONTINUUM’

Assim reafirmo a importância de viver ‘atividades experimentais’ que geram aprendizagem, pois as mesmas “[...] podem fornecer às/aos alunas/os e professoras/es uma memória extraordinária comum e um discurso compartilhado para construir o conhecimento como uma comunidade [...]” (FREEDMAN, 2006, p. 152, tradução minha) constituindo-se em uma forma de construir experiências através de ações como ver, olhar, falar, fazer, refletir e (re)criar em interação com arte, cultura visual e imagem. São ações que, quando compartilhadas, podem gerar aprendizagem sem relações de problematização sobre como agir para ou atuar no mundo em que vivemos.

As experiências envolvendo as imagens são diversas e se materializam em formas muitas vezes desprezadas pelo ensino de arte. A diversidade presente na produção e interação de imagens problematiza construções sociais e culturais, ao mesmo tempo em que coloca em cena as relações de circulação e recepção da arte. Acredito que as reflexões a partir das imagens podem abrir caminhos para investigação também de concepções de arte que sustentem práticas docentes orientadas para aprofundar as discussões deflagradas pelas imagens, ouvir para transformar narrativas sobre experiências vividas e construir saberes de forma conjunta.

Buscando compreender a minha prática docente, venho alimentar as reflexões dessa experiência para aprender a pensar em um ‘continuum’ - critério da experiência na visão de Dewey. A reflexividade em ‘*continuum*’, de forma individual ou coletiva, abre espaço para criar ‘ficções’ da realidade na atuação docente de forma colaborativa. Alguns exemplos de pesquisa-ação colaborativa já começam a acontecer, mesmo que de forma tímida, onde por meio da fala pesquisadores (as) que demonstram a necessidade de um diálogo, - entre as vozes dos professores (as) e acadêmicos -, para que aconteça a construção de um relacionamento mais ético e democrático entre os/as envolvidos, dentro da escola, em um processo educacional.

Nesse sentido, como um coletivo, precisamos construir caminhos investigativos que ainda são incertos, mas que deverão ser desenhados não apenas por meio do diálogo com a prática docente, mas também pelo envolvimento com as imagens. Acredito que ao assumir essa posição, será possível provocar e acolher palavras, ideias, reações

e sentimentos que deixem transfigurar mundos, possibilitando aproximações com a subjetividade dos indivíduos e, em decorrência, o desenvolvimento da capacidade e compreensão crítica como um processo contínuo de ensinar e aprender arte. E assim, construir em nós participantes nesse processo de produção de sentidos, diferentes prismas de uma visão crítica das questões que envolvem o ensino da arte, assim como compreender a complexidade da formação, da prática e do trabalho docente.

Para exercitar um ‘*continuum*’ a partir da figura 3, e gerar reflexões sobre os processos/resultados de produção do grupo, buscando desenvolver um processo de desenvolvimento estético (HOUSEN, 2000), compreendo que é preciso enfrentar as várias imagens que formam essa figura permitindo que essas imagens nos confrontem. Uma acareação necessária para provocar um pensamento crítico e que nos leve a compreensão de nossas metodologias de ensino, nossos pensamentos sobre arte, em um processo de produção de sentidos, utilizando nossos repertórios pessoais. Repertórios que são menosprezados e ou desconsiderados, mas que se considerados podem gerar um processo relacional para entender a integração arte e vida cotidiana.

Enquanto professores (as), para incentivar essa ‘acareação’, podemos entrelaçar imagens da cultura visual com imagens de poéticas visuais contemporâneas, como propositoras para pensar-nos nas experiências vivenciadas, pois são imagens que abarcam um amplo leque de ação, interação, interpretações, emoções e relações, proporcionando, assim, diálogos com questões da arte e seu ensino.

Nesse sentido, ‘re-criar’ metodologias de ensino em arte aproveitando o potencial narrativo dessas imagens é uma estratégia de instaurar possibilidades de percepção e recepção de maneira que, via reflexão, situações e experiências vividas possam ser revisitadas, rearticuladas e criticadas.

## REFERÊNCIAS

COCHRAN-SMITH, M; LYTLE, S. **Dentro/Fuera** – Enseñantes que investigan. Madrid: Ediciones AKAL, 2002.

EÇA, T. Para acabar de vez com a Educação Artística. Revista Digital do LAV, vol. 1, núm. 1. Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, 2008.

HOUSEN, A. O olhar do observador: investigação, teoria e prática. In: FRÓIS, J. P. (org). **Educação estética e artística** – Abordagens Transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

HERNÁNDEZ, F. A Cultura Visual como um convite ao deslocamento do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

\_\_\_\_\_. Arte e Cultura Visual em Debate. Jornal da FAV, Goiânia, n.7, setembro de 2004, p. 4-5. Entrevista concedida a Lilian Ucker e Valéria Fabiane.

TAVIN, K. Contextualizando visualidades no cotidiano: problemas e possibilidades do ensino da Cultura Visual. In: MARTINS, R; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual**: Narrativas de Ensino e Pesquisa. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

MARTINS, R. Arte e Cultura Visual. In: Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. Licenciatura em Artes Visuais: módulo 3. Goiânia: FUNAPE, 2010.

NÓVOA, A. **O regresso dos professores**. Educa: Lisboa, 2010.

SARDELICH, M. E.; BATISTA, N. Compreensão e Interpretação de Imagens. In: Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. Licenciatura em Artes Visuais: módulo 8. Goiânia: FUNAPE, 2010.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo** – um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TOURINHO, I. Metodologias-metáforas: um ensino da arte como cultura (não apenas) visual. In: **IV Colóquio Internacional Educação e Visualidades**. Santa Maria, 2015.

ZABALZA, M. A. **Diários de Aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZEICHNER, K. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, FIORENTINI & PEREIRA. **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-281-4

